



TURISMO, HISTÓRIA E PÓS- MODERNIDADE: BREVE ANÁLISE SOB A ÓTICA DO TURISMO EM TIRADENTES, MG.

Catherine Fonseca Alves Horta
Ricardo Alexandre dos Santos Araújo

Pode-se tomar como modelo de análise o conceito segundo o qual o turismo é um fenômeno espacial e social, gerador de transformações no local em que acontece, no local emissor e no caminho entre ambos. Não é uma atividade econômica, mas uma prática coletiva voluntária geradora de atividades econômicas que atende a diversas motivações, excluindo aquelas de caráter lucrativo e de permanência prolongada.

Entretanto, esse conceito de turismo não é o único capaz de abarcar as várias nuances dessa complexa atividade. O que pretendemos neste trabalho é descrever, na história da humanidade, fatos que podem remeter a uma idéia de turismo e compará-los com o modelo de turismo utili-

zado na pós-modernidade. Para isso, devemos tomar todo o cuidado possível para evitar anacronismos e aproximações equivocadas, principalmente considerando que o conceito de turismo, apesar de abrangente, ainda é muito frágil e de fácil contestação.

Para ilustrar o turismo na pós-modernidade, utilizaremos como referência a cidade de Tiradentes – MG, que, apesar de suas características particulares, é um exemplo típico de exploração turística baseada nos conceitos e valores pós-modernos.

Bases históricas do turismo

Desde a pré-história, o homem se caracteriza como ser intima-

mente ligado à necessidade de deslocamento. Os primeiros registros da vida humana na terra mostram que os habitantes do planeta eram nômades, migrando de região a região conforme as condições de caça, pesca e coleta. Essas viagens muito pouco se aproximam da idéia atual de turismo, mas já nos servem de referência para pensar o quanto o homem utilizou e utiliza a mudança de ambiente como ferramenta para satisfazer algumas de suas necessidades básicas.

Os primeiros deslocamentos de seres humanos livres da necessidade de sobrevivência aconteceram no Egito dos faraós, onde eram comuns viagens fluviais no Nilo. As viagens passaram a significar, a partir de então, muito mais do que uma simples tática de sobrevivência, mas uma alternativa para que os homens pudessem se inter-relacionar, buscar o prazer, descansar e até mesmo curar suas doenças. Na Grécia, por exemplo, eram comuns as viagens para se acompanhar os jogos olímpicos e as grandes festividades religiosas. Com a ascensão do Império Romano e a construção de estradas que interligavam várias regiões da Europa, o deslocamento foi intensamente diversificado, praticado por diversos outros motivos, como banhos medicinais, descanso, festas culturais, entre outros.

Durante toda a Idade Média, os melhores exemplos de deslocamento foram as Cruzadas: milhares de

soldados atravessaram toda a Europa a fim de lutar contra os árabes pela posse da cidade de Jerusalém. Não podemos comparar esse deslocamento estritamente militar à idéia de turismo que se tem hoje, mas, ainda assim, a necessidade de deslocamento se fez presente.

Comuns também na Idade Média, e marcantes ainda hoje, as viagens de peregrinação ficaram conhecidas pelo volume de pessoas que conseguiram atrair. Grandes centros de visita religiosa se mantiveram sempre abastecidos de visitantes, como Roma e Santiago de Compostela. Pelos caminhos que levavam a essas duas cidades, começaram a surgir locais que serviam como ponto de apoio aos caminhantes: estrebrias, albergues e restaurantes.

Com o Renascimento e o período das grandes navegações, além dos grandes interesses comerciais, o homem passa a viajar para conhecer o exótico, o diferente, o inusitado. A descoberta da América e os relatos de maravilhas lá encontradas serviram para atrair a atenção do homem europeu, que se via ao mesmo tempo atraído e amedrontado pelas novidades descritas nas terras além-mar.

O desenvolvimento das viagens foi em muito facilitado pelo incremento dos meios de transporte. A diligência foi um desses avanços, pos-

sibilitando viagens mais rápidas e confortáveis pelas estradas europeias.

No século XVIII, em função da busca constante pelos banhos de mar, principalmente no litoral inglês, surge a necessidade de se incrementar a infra-estrutura de apoio às viagens, tais como restaurantes e hospedarias. O crescimento das cidades e o acúmulo de capital viabilizado pela industrialização acabaram por cristalizar uma classe de alto nível cultural e que utilizava as viagens como fonte para obter conhecimento.

Em 1816, surge o termo “turismo”, definido por Thomas Cook, que promoveu a primeira viagem segundo os princípios utilizados nas práticas turísticas atuais, inclusive com a preocupação de se mensurar os custos da viagem. A ascensão do turismo permaneceu crescente até a 1ª Guerra Mundial. Devido ao conflito militar envolvendo todo o continente, a Europa limitou o número de deslocamentos. Somente após o fim da 2ª. Guerra Mundial o turismo voltou a crescer.

A partir da década de 1950, com o desenvolvimento exponencial dos transportes e da comunicação, o empreendimento turístico passa a ocupar lugar de destaque na vida e na economia de alguns países que se desenvolvem em função dessa importante atividade. Países como a França e a Espanha especializam-se na

captação do turista, incrementando toda a infra-estrutura necessária para o conforto do visitante.

A atividade turística e a pós-modernidade

A vida ocidental a partir da década de 1990 começou a sofrer grandes modificações. O capitalismo se confirmou como principal modelo econômico e, após a queda do socialismo, as principais barreiras para um mundo globalizado foram rompidas e a ideologia do capital conquistou uma amplitude nunca antes alcançada.

Juntamente com essa nova realidade, novas preocupações começaram a participar do dia-a-dia das pessoas: a preocupação ambiental, a globalização de valores e culturas, as novas relações com o trabalho e a tecnologia se tornaram problemas comuns para grande parte da população. Tendo em vista essas modificações, muitos estudiosos denominam essa era de pós-modernidade.

Assim, fundada em novos conceitos e necessidades, a pós-modernidade exige também novas formas de proceder e pensar. Muitas das preocupações antes nunca imaginadas passam hoje a ter lugar importante na cultura de mercado capitalista e essa lógica acaba por determinar o procedimento das pessoas. A

nova relação com o trabalho e a vida globalizada suscitam novos problemas e novos desafios.

Além disso, a pós-modernidade propõe uma sensível modificação em relação ao saber de determinadas sociedades. Atualmente, quem domina as informações é capaz de concentrar maior poder. "O homem pós-moderno é o homem da informação". O avanço da informática e dos meios de comunicação possibilitou a uma grande parcela da população mundial acesso rápido a informações de todas as partes do mundo, o que dá à sociedade pós-moderna um dinamismo nunca antes apresentado.

A atividade turística também teve de se adaptar à nova realidade. Se a atividade "turismo" não é nova, a forma de produzir esses espaços na atualidade é, no mínimo, tecnologicamente mais arrojada e moderna. Há também de se lembrar que o turista já não é mais o andarilho à procura do exótico...

O que era antes visto como busca do diferente, do prazer e da diversão, hoje é visto quase como uma exigência fisiológica para o homem se manter produtivo no sistema capitalista. Os indivíduos, cada vez mais mergulhados no trabalho e no stress do dia-a-dia, têm a necessidade de sair de férias. Vêm no turismo uma valiosa ferramenta para transcenderem a realidade do cotidiano e au-

mentarem sua satisfação pessoal e o prazer para manter sempre elevada sua produtividade, segundo a lógica do trabalho.

A demasiada urbanização dos grandes centros contribui para que os habitantes das cidades só consigam se desprender dessa realidade no período de férias, ao se afastarem da paisagem corriqueira. Assim, as viagens de turismo são uma válvula de escape para as pessoas que se sentem intrinsecamente conectadas a esse estilo de vida.

Dessa forma, para que novos destinos e novas cidades sejam incorporados aos roteiros de turismo tradicional, faz-se necessário o planejamento para contemplar questões como a utilização consciente do meio ambiente e as relações com a população local. O "planejamento estratégico", termo muito utilizado pelos pensadores do turismo, é a forma atual de se viabilizar o turismo como atividade geradora de renda sem promover a destruição cultural e ambiental dos locais onde é praticado.

Assim, o "turismo sustentável" se torna hoje uma preocupação crescente. É fato que o turismo realizado de maneira desordenada pode trazer em médio prazo muito mais problemas do que soluções para uma dada cidade ou região. Entretanto, se a sustentabilidade ambiental, cultural e econômica for alcançada, a ati-

vidade turística pode acontecer de forma que seus resultados não sejam tão nocivos para a região e a comunidade.

Algumas variáveis devem ser respeitadas no planejamento da atividade. A capacidade de carga de cada atrativo turístico deve ser averiguada. O respeito à comunidade e aos costumes locais, uma regulamentação que possibilite a realização de empreendimentos diversos nas áreas culturais e naturais, a necessidade de monitoramento, mas principalmente a participação da comunidade local devem ser preocupações capazes de viabilizar a atividade turística na ótica pós-moderna.

A seguir, faremos uma análise sucinta de Tiradentes, MG, levando em consideração as vantagens e desvantagens de um turismo avassalador, típico de uma sociedade capitalista regida pelas tendências pós-modernas. Para melhor contextualização, iniciaremos com uma rápida descrição de sua história.

Um olhar sobre Tiradentes – súmula histórica

No princípio do século XVIII, em 1702, os paulistas que já haviam descoberto ouro nas terras de Ouro Preto e do rio das Velhas, encontraram outra promissora jazida nas ime-

dições do rio das Mortes, nas encostas da serra São José. A novidade atraiu aventureiros paulistas e emboabas (brasileiros no norte e portugueses), que se fixaram num pequeno arraial, primeiro núcleo de povoamento da região. Recebendo como primeiro nome Arraial Santo Antônio do Rio das Mortes, posteriormente foi conhecido por Arraial Velho, para diferenciá-lo do Arraial Novo do Rio das Mortes, hoje São João Del Rei, até que mais tarde, em 1718, fosse conhecido por Vila São José, em homenagem ao príncipe Dom José. Elevado à categoria de vila, assim permaneceu até a proclamação da República, quando novamente mudou de nome, desta vez para Tiradentes, oficializado a 6 de dezembro de 1889, em homenagem ao inconfidente mineiro que nasceu em 1746 na Fazenda do Pombal.

Tal como as demais cidades da região das Minas Gerais, Tiradentes foi resultado de um processo de urbanização característico da atividade mineradora.

“O deslocamento humano para a região não decorre de uma política de povoamento previamente planejada e orientada pela coroa portuguesa, mas surge da iniciativa particular, de um acentuado aventurismo, no qual a tônica é o nomadismo” (Lemos, 1984, p. 89).

Do ostracismo ao fenômeno turístico

Ao contrário da maioria das cidades que se formaram no contexto do ciclo do ouro em Minas Gerais, Tiradentes possui características especiais, graças ao ostracismo que prevaleceu na cidade após o término da atividade aurífera.

A situação de “cidade morta” perdurou até a segunda metade do século XX, o que, para usar de franqueza, acabou sendo um fator de preservação:

a ausência de dinamismo econômico permitiu que seu excepcional conjunto urbanístico- arquitetônico fosse pouco alterado, ainda que a estagnação também significasse risco de perda dos bens culturais. (Pellegrini, 2001)

Localizada a 190 quilômetros de Belo Horizonte, Tiradentes não é mais a mesma. Como afirma Magalhães (2002), “entre as décadas de 1970 e 1980, dois visitantes que ali estiveram vislumbraram um futuro promissor para a cidade e começaram a investir no turismo local”. Desde então, a cidade ainda não encontrou o caminho para o desenvolvimento ordenado.

Revelada a partir da década de 90, os investimentos em equipamentos e serviços foram feitos por

empresários de fora, sem contar com o apoio efetivo da prefeitura. De acordo com a ABIH (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis), dados divulgados no *site* do Indi (Instituto Nacional de Desenvolvimento Industrial) apontam, em 2000, um número de 33 hotéis. Em 2001, a cidade já possuía mais de 50 hotéis e pousadas.

Com uma agenda de programação que começa em janeiro, com a mostra de cinema, e vai até dezembro, às vésperas do réveillon, a população de 4.500 habitantes costuma receber um número quatro vezes maior de visitantes e, por ocasião do festival de cinema, esse número já atingiu cerca de 20 mil visitantes, segundo dados da prefeitura.

Tornando-se um dos *points* favoritos, Tiradentes e outras cidades históricas têm sua vocação turística equivocadamente apontada como único meio de salvar e manter as construções remanescentes do Brasil colonial do século XVIII. Como se fosse responsável por um verdadeiro milagre, o turismo muitas vezes é encarado como “galinha dos ovos de ouro” e, inocentemente, inúmeros municípios almejam o que a pequena e pacata Tiradentes conseguiu: alavancar um número maciço de turistas que, após se tornarem fãs da exclusiva e sofisticada hospitalidade local, passam hoje longas temporadas curtindo deliciosas atrações que a ci-

dade mineira tem para oferecer. Se antes São João Del Rey era referência na região, Tiradentes hoje ocupa o posto de destaque e não há quem não tenha ouvido falar da nova “jóia” da arquitetura colonial mineira.

É sabido que os investimentos realizados em Tiradentes foram responsáveis pela reabilitação do patrimônio artístico e arquitetônico da cidade que, como afirmou Pellegrini, poderia estar descaracterizada graças à sua estagnação econômica. Entretanto, passado o furor, como é o caso de Tiradentes, as cidades percebem que, se o turismo não vier acompanhado de inúmeros estudos, os problemas originados da exploração desenfreada colocam em xeque os “louros” advindos dessa atividade, pois a produção e o consumo do espaço devem ser capazes de gerar desenvolvimento econômico e social para as comunidades locais.

Tiradentes e a utopia da valorização do patrimônio histórico: a cidade cenário

No século passado, durante o período denominado modernismo, foi recorrente a omissão diante dos valores da herança arquitetônica. Voltado para o futuro e para uma utopia de sociedade organizada segundo outros moldes, o modernismo pretendia ser uma ruptura com esse

passado, negando, não a história, mas a linguagem arquitetônica do passado recente (século XIX e início do século XX). Como reação ao modernismo, o movimento historicista buscava uma verdadeira ressurreição do passado e, com ela, uma maneira se tirar o atraso.

A consciência histórica despertada pelos modernos, agora enfraquecida, vai sendo aos poucos substituída por um repertório de imagens, expressões culturais, estilos, formas, técnicas construtivas à disposição do usuário como mercadorias. (Arantes, 1998, p.52)

Mas essa obsessão não era privilégio da arquitetura. Nas últimas décadas ocorreu uma revalorização dos antigos centros ou de partes da cidade, no Brasil e no exterior. Entretanto, trata-se de uma preservação epidérmica, num século em que se colocou de modo enfático a dicotomia entre tradição e ruptura, entre o “novo” e o “antigo”.

A rica tradição cultural de Tiradentes não possui o mesmo apelo turístico de eventos como o Festival de Cinema, Gastronomia e Encontro de Harley-Davidson. Aliás, o ostracismo de que Tiradentes se viu livre ocorreu justamente com a implantação desses eventos.

Organizados por empreendedores que viram na cidade um potencial “panorâmico” a ser explorado,

têm um grande apelo de *marketing*, dado o conhecido poder de repercussão da mídia na atualidade. Esses eventos caíram praticamente “de pára-quedas”, o que explica a rejeição da população, mesmo quando se tenta integrá-los às demais atividades culturais do município.

Nessa perspectiva, Tiradentes é um caso à parte, uma Disney World às avessas. Se Disney foi um cenário criado para a fantasia, onde o turista se faz refém do imaginário, Tiradentes foi reutilizada para um consumo visual, colocando-se como um cenário, independentemente das atividades aí realizadas. Diferente de Disney World ou demais espaços criados para o turismo (chamados por alguns autores de não-lugares), Tiradentes coloca-se, muitas vezes, numa posição distante de qualquer interação do público. Na forma como foram implantados, esses eventos poderiam acontecer em qualquer lugar, desde que atendessem aos interesses capitalistas dos empreendedores! Aliada a isso, a tendência pós-moderna de se valorizar o passado, mesmo que de forma indiscriminada, fez de Tiradentes um bom negócio que, diga-se de passagem, nem sempre é revertido ao município.

Além dos problemas de capacidade de carga gerados por tais festividades, incluindo o carnaval, propomos algumas questões:

- Se o turismo tem como uma das características a valorização dos costumes locais e a participação da comunidade, como adequar atrativos turísticos “estranhos” à cultura de uma localidade sem agredi-la? Até que ponto essa agressão vem atingindo ou não Tiradentes?
- Investir nesses atrativos turísticos não pode colaborar a longo prazo para a degradação do patrimônio histórico da cidade, se nem todos que vão a Tiradentes valorizam cidades históricas?
- Como integrar as atividades promovidas e a cultura local? Isso é possível?
- Até que ponto a valorização de atividades turísticas estranhas à cultura de um povo pode colocar os costumes da comunidade em segundo plano, colaborando para uma desvalorização da cultura local?
- Numa era de consumo de imagens, qual é o limite para o consumo de uma paisagem na ótica pós-moderna? Esse limite existe ou o erro está em como consumir essa paisagem?
- A segregação da população local (dadas as ofertas de pessoas de fora que vêm na cidade um alvo de investimento) tem seus problemas agravados em Tiradentes ou esse é fato comum em cidades que enfrentam turismo de massa?

Na atualidade, o espaço do ou para o “turismo” constitui uma mercadoria complexa, pois ele mesmo é uma mercadoria. Trata-se da natureza ou da produção social incorporada em outra mercadoria, mas como parte do mesmo consumo/produção/do espaço. (Rodrigues, 1996, p. 56)

Considerações finais

Sem querer responder a todas as questões ou até mesmo achar que já foram levantadas, observamos que Tiradentes vem enfrentando um turismo massificado, pondo em risco seu patrimônio edificado, natural ou cultural. Com suas bases enraizadas na pós-modernidade, a utilização de seus espaços históricos exige urgentemente uma revisão de conceitos fundamentais, como a preservação de seu patrimônio e sua integração às atividades propostas, de forma que não se veja a médio ou longo prazo ameaçado, dada a sua pouca importância no turismo desenvolvido.

A título de curiosidade, teóricos como Karl Marx já previam o que conhecemos hoje como pós-moderno ao dizer que nada está imune aos efeitos corrosivos do capitalismo e, como tal, Tiradentes fora vítima da contemporaneidade...

Referências bibliográficas

ARANTES, Otília. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.

HARVEY, D. *Espaços urbanos na "aldeia global": reflexões sobre a condição urbana no capitalismo do final do século XX*. (Transcrição de conferência proferida em Belo Horizonte, em 1995).

JOST, Krippendorff. *A sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer das viagens*. São Paulo: Ed. Aleth, 2001.

LEMOS, Celina Borges; ALBANO, Maria Celina. Entre os limites do passado e as demandas do futuro: uma análise da cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1994.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. *Diretrizes para o turismo sustentável em municípios*. São Paulo: Roca, 2002.

PELLEGRINI Filho, Américo. *Turismo cultural em Tiradentes*. São Paulo: Manole, 2000.

REVISTA VIAGEM E TURISMO. *Tiradentes: onde ora o passado*. São Paulo: Ano 5, ed. 43, p. 30. In: MAGALHÃES, Cláudia Freitas. *Diretrizes para o turismo sustentável em municípios*. São Paulo: Roca, 2002, p. 74.

RÓDRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alesandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996, p.56.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando a cultura. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996, p. 205/209.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alesandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

www.assemblmg/municipios

www.indi.mg.gov

www.asminasgerais.com.br

www.descubraminas.com.br

Catherine Fonseca Alves Horta é arquiteta urbanista e pós-graduanda em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pelo IGC/UFMG.

Ricardo Alexandre dos Santos Araújo é historiador e pós-graduando em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pelo IGC/UFMG.
